ReGeo
ISSN: 2177-3246

TRANSFORMAÇÕES PAISAGÍSTICAS E SUSTENTABILIDADE NO ENOTURISMO: UMA ANÁLISE DOS LIMITES NO VALE DOS VINHEDOS (RS)

LANDSCAPE TRANSFORMATIONS AND SUSTAINABILITY IN WINE TOURISM: AN ANALYSIS OF LIMITS IN VALE DOS VINHEDOS (RS)

TRANSFORMACIONES PAISAJÍSTICAS Y SUSTENTABILIDAD EN EL ENOTURISMO: UN ANÁLISIS DE LOS LÍMITES EN VALE DOS VINHEDOS (RS)

https://doi.org/10.56238/revgeov17n8-073

Data de submissão: 23/06/2026 **Data de publicação:** 07/08/2026

Pablo Cesar Uez
Mestre em Turismo e Hospitalidade
Instituição: Universidade de Caxias do Sul (UCS)
E-mail: pablouez@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3455419756008050

RESUMO

Este estudo investiga os limites paisagísticos do roteiro turístico Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul, Brasil, através de uma análise qualitativa de seus elementos constitutivos e das dinâmicas socioespaciais. O objetivo principal é compreender como as alterações na paisagem afetam a identidade e a atratividade turística da região, que se destaca pela produção de vinhos finos e pela prática do enoturismo. A fundamentação teórica baseia-se em conceitos de espaço social, território e paisagem, com especial atenção à sua apropriação e transformação pela atividade turística (Santos, Lefebvre, Boullón). Adotou-se o método Histórico-Genético (Lefebvre, 1986), complementado por técnicas qualitativas como pesquisa bibliográfica e cartográfica, observação direta intensiva e entrevistas. Os resultados indicam que a paisagem é o principal atrativo do Vale dos Vinhedos, superando até mesmo as vinícolas na percepção dos visitantes, e que os trechos próximos a áreas urbanas perdem as características rurais vitivinícolas que compõem o imaginário coletivo. Revela-se uma tendência de substituição da identidade local por uma cenografia globalizada, impulsionada pela valorização imobiliária e pela busca de referenciais europeus na vitivinicultura, o que pode comprometer a autenticidade e a sustentabilidade do roteiro a longo prazo. Conclui-se pela necessidade de um planejamento territorial integrado e sustentável, que preserve os elementos identitários da paisagem rural.

Palavras-chave: Turismo. Enoturismo. Paisagem. Sustentabilidade. Vale dos Vinhedos. Planejamento Territorial.

ABSTRACT

This study investigates the landscape limits of the wine tourism route Vale dos Vinhedos in Rio Grande do Sul, Brazil, through a qualitative analysis of its constitutive elements and socio-spatial dynamics. The main objective is to understand how landscape changes affect the identity and tourism attractiveness of the region, which stands out for fine wine production and wine tourism practices. The theoretical foundation is based on concepts of social space, territory and landscape, with special attention to their appropriation and transformation by tourism activity (Santos, Lefebvre, Boullón). The Historical-Genetic method (Lefebvre, 1986) was adopted, complemented by qualitative techniques such as bibliographic and cartographic research, intensive direct observation and interviews. The results indicate that landscape is the main attraction of Vale dos Vinhedos, even surpassing wineries in visitors' perception, and that sections near urban areas lose the rural wine-growing characteristics that

compose collective imagination. There is a trend toward replacement of local identity with globalized scenography, driven by real estate appreciation and the search for European references in viticulture, which may compromise the authenticity and sustainability of the route in the long term. The conclusion points to the necessity of integrated and sustainable territorial planning that preserves the identity elements of rural landscape.

Keywords: Tourism. Wine Tourism. Landscape. Sustainability. Vale dos Vinhedos. Territorial Planning.

RESUMEN

Este estudio investiga los límites paisajísticos de la ruta del enoturismo Vale dos Vinhedos en Rio Grande do Sul, Brasil, mediante un análisis cualitativo de sus elementos constitutivos y dinámicas socioespaciales. El objetivo principal es comprender cómo los cambios en el paisaje afectan la identidad y el atractivo turístico de la región, que destaca por la producción de vinos finos y la práctica del enoturismo. La fundamentación teórica se basa en conceptos de espacio social, territorio y paisaje, con especial atención a su apropiación y transformación por la actividad turística (Santos, Lefebvre, Boullón). Se adoptó el método Histórico-Genético (Lefebvre, 1986), complementado con técnicas cualitativas como investigación bibliográfica y cartográfica, observación directa intensiva y entrevistas. Los resultados indican que el paisaje es el principal atractivo de Vale dos Vinhedos, superando incluso a las bodegas en la percepción de los visitantes, y que las secciones cercanas a áreas urbanas pierden las características rurales vitícolas que componen el imaginario colectivo. Se revela una tendencia a la sustitución de la identidad local por una escenografía globalizada, impulsada por la revalorización inmobiliaria y la búsqueda de referencias europeas en viticultura, lo que puede comprometer la autenticidad y sostenibilidad de la ruta a largo plazo. Se concluye en la necesidad de una planificación territorial integrada y sostenible que preserve los elementos identitarios del paisaje rural.

Palabras clave: Turismo. Enoturismo. Paisaje. Sostenibilidad. Vale dos Vinhedos. Planificación Territorial.

1 INTRODUÇÃO

A Serra Gaúcha, historicamente reconhecida por sua vibrante atividade vitivinícola, consolidou-se como um polo turístico de destaque no Brasil. Nesse cenário, o **Vale dos Vinhedos (RS)** não apenas se estabeleceu como um dos principais roteiros enoturísticos do país, atraindo um fluxo crescente de visitantes e impulsionando uma economia local robusta, mas também se tornou um laboratório vivo das complexas interações entre cultura, paisagem e turismo. Sua atratividade singular advém, em grande parte, da paisagem cultural moldada pela imigração europeia e pelo desenvolvimento da vitivinicultura desde o século XIX, configurando um patrimônio valioso e um *terroir* único (VALDUGA, 2007; HEREDIA, 1997).

Contudo, o sucesso e o crescimento acelerado do enoturismo no Vale dos Vinhedos têm gerado intensas transformações socioespaciais e paisagísticas. A apropriação e o consumo intensivo do espaço para fins turísticos podem, paradoxalmente, comprometer a autenticidade e a singularidade do próprio atrativo que motivou a visitação (CRUZ, 2002; WANG, 1999). Essa tensão fundamental, embora a dissertação original date de 2014, permanece notavelmente atual e se tornou ainda mais premente: como conciliar a crescente demanda turística com a preservação das características identitárias e da autenticidade da paisagem do Vale dos Vinhedos, considerando que essa é, comprovadamente, sua principal força atrativa?

A literatura em turismo tem explorado o enoturismo e a paisagem em diferentes perspectivas. No entanto, há uma lacuna na compreensão aprofundada dos **limites paisagísticos** que são cruciais para a sustentabilidade e a manutenção da autenticidade e da imagem de destinos enoturísticos consolidados. Poucos estudos integram de forma sistemática a **percepção do visitante** sobre a paisagem, as complexas **dinâmicas territoriais** (incluindo a fragmentação regulatória e a valorização imobiliária que afetam o espaço vivido) e o impacto das **escolhas produtivas** (como os sistemas de condução das videiras) na construção e transformação da identidade visual de um destino turístico. Este artigo visa preencher essa lacuna, oferecendo uma análise qualitativa sobre esses limites em um contexto emblemático do enoturismo brasileiro.

Fundamentado na dissertação de mestrado "Limites Paisagísticos do Atrativo Turístico Vale dos Vinhedos" (UEZ, 2014), este artigo tem como objetivo central **analisar as dinâmicas de transformação da paisagem e sua percepção pelos visitantes no Vale dos Vinhedos**, buscando identificar parâmetros para a compreensão dos elementos formadores de sua identidade e autenticidade turística. Para tanto, exploramos a influência de fatores exógenos, como a expansão urbana das cidades lindeiras, na atratividade e sustentabilidade do roteiro. A pesquisa contribui teoricamente ao aprofundar a compreensão sobre a paisagem como componente central da experiência turística e da autenticidade

do destino, e metodologicamente ao propor uma análise integrada de elementos paisagísticos a partir de abordagens urbanísticas adaptadas ao contexto do turismo. Em última instância, o trabalho oferece subsídios cruciais para a gestão territorial e o planejamento turístico sustentável, visando a perpetuação da singularidade cultural e visual do Vale dos Vinhedos como um destino autêntico e de alta qualidade.

Este artigo está estruturado em cinco seções adicionais. Após esta introdução, a seção 2 detalha os principais pontos-chave da pesquisa, abordando a paisagem como atrativo essencial, as dinâmicas territoriais e a fragilidade da identidade local, e as metodologias integradas para análise da paisagem. A seção 3 apresenta a metodologia adotada. A seção 4 discute os resultados obtidos. Por fim, a seção 5 tece as considerações finais, as implicações da pesquisa e as direções para estudos futuros.

2 DESENVOLVIMENTO

O Vale dos Vinhedos, enquanto produto e destino turístico consolidado, é resultado de complexas interações entre a natureza, a sociedade e a economia vitivinícola. Para compreender os "limites paisagísticos" que moldam e, por vezes, ameaçam sua identidade e sustentabilidade turística, é fundamental aprofundar-se em três pontos-chave que emergem da análise da dissertação: (1) A paisagem como o atrativo turístico central, a autenticidade e a experiência do visitante; (2) As dinâmicas territoriais e regulatórias que impactam a paisagem e a identidade local, com reflexos diretos na oferta turística; e (3) A aplicação de metodologias integradas para a análise da paisagem no contexto do planejamento turístico.

2.1 A PAISAGEM COMO ATRATIVO ESSENCIAL, AUTENTICIDADE E EXPERIÊNCIA DO VISITANTE

A centralidade da paisagem no apelo turístico do Vale dos Vinhedos emerge como um dos achados mais significativos desta pesquisa, reforçando a premissa de que a paisagem não é um mero pano de fundo, mas um **recurso turístico fundamental e ativo** (BOÚLLON, 1997). Embora o roteiro seja indissociavelmente ligado à temática do vinho e ao enoturismo, a percepção dos visitantes transcende a mera degustação de produtos. Conforme apontado por Lavandoski (2008), e corroborado na dissertação, os dados indicam que a paisagem constitui o principal atrativo do Vale dos Vinhedos, **superando em importância as próprias vinícolas** na visão geral dos entrevistados (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 44, Figura 4*).

Essa constatação é crucial para o planejamento e a gestão de destinos turísticos: 48% dos entrevistados destacaram a paisagem construída com apelo rural como o maior atrativo, com a parreira sendo o elemento mais notado, perfazendo "quase 40% da amostragem"

(*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 47*). A paisagem natural, composta por manifestações do clima, relevo e vegetação, aparece em segundo lugar, com 37% das ocorrências. Curiosamente, mesmo as vinícolas, que motivam a visita de 38% dos entrevistados (LAVANDOSKI, 2008, p. 83), são, em última análise, superadas pela paisagem no quesito do que realmente encanta e permanece na memória. Isso eleva a paisagem à categoria de "matéria-prima" do turismo (BOÚLLON, 1997, p. 65), cuja descaracterização pode comprometer a própria atratividade do bem comercializado e, consequentemente, a **qualidade da experiência turística** oferecida.

A pesquisa conclui que a "condição rural do território, definido na produção agrícola da uva e do vinho, é o qualificador da experiência turística no roteiro" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 47-48*). Isso implica que qualquer alteração que se afaste dessa ruralidade vitivinícola tradicional ameaça a essência da experiência buscada e valorizada pelo turista. A imagem bucólica do Vale, "eternizada em suas memórias e evocada nos momentos nostálgicos de recordação" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 19*), representa a **autenticidade percebida** do destino. A preservação dessa paisagem não é apenas uma questão estética, mas um imperativo para a sustentabilidade do destino, pois dela depende a capacidade de continuar a proporcionar a experiência autêntica que atrai os visitantes. O planejamento e a gestão do Vale dos Vinhedos devem, portanto, priorizar a salvaguarda e a manutenção da coerência paisagística como um elemento central da oferta turística, garantindo a fidelidade à **identidade local** que fundamenta a experiência.

2.2 DINÂMICAS TERRITORIAIS E A FRAGILIDADE DA IDENTIDADE LOCAL NA OFERTA TURÍSTICA

A gestão e a evolução do Vale dos Vinhedos são intrinsecamente complexas devido à sua demarcação geográfica que, embora coesa em termos de Indicação de Procedência (IP) e Denominação de Origem (DO), transcende os limites administrativos de três municípios: Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 58-60*). Essa sobreposição de competências regulatórias resulta em "três diferentes legislações de Uso do Solo, cada qual com suas características e aplicáveis a sua porção territorial" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 104*). A dissertação evidencia que a ausência de uma **governança territorial integrada** entre esses municípios tende a "fragmentar o território e da paisagem, deturpando o contexto espacial" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 104*), com reflexos diretos na qualidade e coerência da oferta turística.

A análise dos Planos Diretores Municipais (PDMs) revela essa disparidade. Enquanto Bento Gonçalves, através da Lei Complementar nº 103 de 2006, estabelece a Zona XVI – Área Urbana de Preservação da Paisagem do Vale dos Vinhedos, demonstrando "especial atenção às questões

paisagísticas e de uso turístico" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 50*), impondo, por exemplo, a proteção da linha do horizonte (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 51*), os PDMs de Garibaldi e Monte Belo do Sul apresentam legislações mais generalistas, com zoneamentos que, embora citem interesse turístico ou paisagístico, carecem de critérios claros de salvaguarda e de diretrizes específicas que protejam a identidade vitivinícola do roteiro (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 53-57*). Essa falta de homogeneidade permite usos não compatíveis com a vocação da região em áreas limítrofes, enfraquecendo a unidade paisagística e diluindo a **proposta de valor do destino enoturístico**.

Outra dinâmica territorial crucial é a influência da **Denominação de Origem (DO) Vale dos Vinhedos**. Embora esse título confira valor agregado aos produtos e impulsione a qualificação da produção, seu regramento impõe a "obrigatoriedade do cultivo das videiras em espaldeira" (APROVALE, 2012, *DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 61*). Essa exigência, embora benéfica para a produtividade, acarreta uma significativa transformação paisagística. O sistema de espaldeira, com suas "extensas linhas" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 63*), difere drasticamente do tradicional cultivo em latada, que gerava "vinhedos contínuos, como uma grande tessitura" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 62*) e era um elemento constituinte da paisagem colonial original da Serra Gaúcha. Essa mudança, conforme a dissertação, "associa-se a um valor imagético, que evoca as paisagens das tradicionais regiões produtoras europeias, mimetizando a região com uma identidade vitícola globalizada" (CÉSAR, VIANNA e UEZ, 2013, *DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 64*).

Essa busca por referenciais estéticos europeus, ilustrada pela comparação entre o Castello di Amorosa (Napa Valley) e a Cave de Pedra (Vale dos Vinhedos) (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 76, Figura 22*), evidencia uma "tendência de perda da identidade local" e a criação de "cenários turísticos desprovidos, muitas vezes, de relações com a identidade do lugar" (MOCELLIM, 2009, *DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 75-76*). Esse processo, que se aproxima do conceito de "não-lugar" (AUGÉ, 1994; MOCELLIM, 2009), corre o risco de apagar marcos identitários consagrados pela história, substituindo o "espaço vivido" (SANTOS, 1986) por uma cenografia que, por ser indiferente e repetível em qualquer parte do mundo, esvazia o significado cultural do local e, consequentemente, a **autenticidade da experiência turística**.

Adicionalmente, a valorização imobiliária desencadeada pelo sucesso do enoturismo tem provocado um aumento drástico no preço das terras, de "200% a 500%" (GIESBRECHT et all, 2011, *DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 64*). Esse fenômeno, comparado à gentrificação (GLASS, 1964), tem dificultado a permanência de pequenos produtores rurais, que não conseguem mais competir ou manter suas propriedades. A venda dessas terras para grandes produtores ou para o desenvolvimento de lazer por uma classe mais abastada resulta no "deslocamento da parcela da população menos abastada"

(FREITAS, 2006) e na perda das características rurais e familiares, fragilizando ainda mais a identidade local e gerando um "prejuízo à identidade local vigente" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 64*). Para o turismo, isso representa a perda de elementos humanos e sociais que compõem a **genuína experiência cultural**, substituindo a interação com a comunidade tradicional por uma oferta mais padronizada e globalizada.

2.3 METODOLOGIAS INTEGRADAS PARA ANÁLISE DA PAISAGEM NO CONTEXTO TURÍSTICO

A pesquisa se distingue pela aplicação de uma abordagem metodológica integrada e multifacetada para a análise da paisagem, combinando elementos do urbanismo, da psicologia ambiental e da geografia, a fim de gerar *insights* aprofundados para o campo do turismo. A sinergia entre as metodologias de Kevin Lynch, Maria Elaine Kohlsdorf e Paulo Pires permitiu uma compreensão robusta e aprofundada dos "limites paisagísticos" do Vale dos Vinhedos sob a ótica da experiência turística.

A estrutura analítica iniciou-se com a aplicação do método de **Kevin Lynch (1999)**, focado na legibilidade das cidades e na qualidade visual do ambiente, adaptado para um roteiro turístico. Por meio de seus cinco elementos – Vias, Limites, Bairros, Pontos Nodais e Marcos – foi possível mapear a configuração espacial do roteiro e entender como o turista se orienta e percebe o destino. As principais vias (RS 444 e Via Trento) foram identificadas como canais de fluxo turístico. Os limites, tanto topográficos (cumes dos morros, arroios) quanto construídos (edificações que restringem visadas), foram detalhados, revelando a variabilidade do campo visual ao longo do percurso e seu impacto na experiência de navegação do visitante (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 79-82*). A segmentação do território em seis "bairros" (A a F) de características paisagísticas distintas permitiu apreender a síntese da paisagem em diferentes trechos do roteiro. Por exemplo, o **Bairro F** (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 86*), caracterizado por baixa densidade de ocupação e predominância de produção familiar entre parreirais e mata nativa, representa a manifestação visual mais próxima da paisagem colonial local, sendo crucial para a **experiência autêntica e imersiva** no Vale. Em contraste, áreas como o **Bairro D** (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 85*), devido à sua proximidade com o núcleo urbano de Bento Gonçalves, apresentam maior densidade construtiva e uma mescla de usos que tende a descaracterizar a paisagem rural vitivinícola, afetando a coerência da imagem de destino. Onze pontos nodais, desde o pórtico de entrada até as grandes vinícolas (como a Miolo e Valduga), foram categorizados por sua influência nos fluxos de visitantes, distinguindo entre "primeira grandeza" (turismo massificado) e "segunda grandeza" (fluxo mais regionalizado)

(*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 87-92*), o que tem implicações diretas na **distribuição de visitantes e na gestão da capacidade de carga** do destino. Essa aplicação de Lynch proporcionou uma leitura espacial detalhada, essencial para entender os elementos que compõem a imagem mental do Vale para o visitante.

Em complemento, a abordagem de **Maria Elaine Kohlsdorf (2005)**, com sua "Dimensão Topoceptiva", focou na **percepção e imagem mental do observador-visitante em deslocamento**, aspecto vital para a compreensão da experiência turística. Ao estabelecer 25 "estações visuais" ao longo de 23 quilômetros de vias (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 95, Figura 47*), a pesquisa analisou como o turista "experiencia a paisagem" através de seus sentidos e da sua cognição, influenciado por fatores físicos como relevo, texturas e volumetrias (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 94*). A análise dos "intervalos" entre essas estações e dos "campos visuais" permitiu inferir sobre a fluidez da experiência e a leitura que o visitante faz do contexto. A coexistência de elementos arquitetônicos de diferentes épocas, desde a "arquitetura vernacular italiana típica dos anos 1900" até "arquitetura contemporânea", cria uma "diversidade de cenários" que, se por um lado é singular, por outro, pode desafiar a coerência da imagem mental do Vale dos Vinhedos (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 96, Figura 48*). Isso sugere a importância de um design paisagístico e arquitetônico que harmonize o novo com o tradicional, garantindo a integridade da **proposta de valor do destino**.

Por fim, a metodologia de **Paulo Pires (2005)** foi empregada para aferir a qualidade visual da paisagem a partir de pontos de observação específicos, oferecendo uma métrica para o planejamento turístico. Por meio dos indicadores de Diversidade, Naturalidade, Singularidade e Detratores, foi possível graduar a qualidade paisagística e identificar intervenções que contribuem ou prejudicam a ambiência cênica (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 99*). A Naturalidade, por exemplo, é comprometida pela presença crescente de elementos de origem humana não integrados, o que diretamente afeta a **percepção de autenticidade rural** pelo visitante. A Singularidade, outrora definida pela paisagem colonial vitivinícola, é ameaçada pela mimetização de padrões globalizados. A análise destes indicadores revelou a degradação da qualidade paisagística em trechos mais urbanizados, reforçando a premissa de que a paisagem rural autêntica é o qualificador da experiência turística.

A intersecção dessas três metodologias – Lynch fornecendo a estrutura legível do destino, Kohlsdorf revelando a experiência do percurso do turista e Pires avaliando a qualidade visual da oferta – forneceu um ferramental analítico robusto. Essa simbiose não apenas permite a identificação precisa dos elementos identitários da paisagem do Vale dos Vinhedos e sua percepção pelos visitantes, mas também oferece subsídios concretos para **políticas de gestão do destino e planejamento turístico**

voltadas tanto para a preservação de sua autenticidade cultural quanto para a agregação de valor cênico, em uma perspectiva de sustentabilidade e de **melhoria contínua da experiência do visitante**.

3 METODOLOGIA

A pesquisa que fundamenta este artigo adotou uma abordagem predominantemente **qualitativa**, justificada pela necessidade de investigar a fundo as "especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser" (HAGUETTE, 1997, p. 63) no contexto complexo do desenvolvimento turístico. Este enfoque permitiu uma compreensão aprofundada das complexas dinâmicas socioespaciais do Vale dos Vinhedos, focando nas relações e interações entre os atores locais, o meio físico e os visitantes, e as influências regulatórias, elementos cruciais para a **sustentabilidade e autenticidade de um destino turístico**.

O pilar metodológico central foi o **método Histórico-Genético**, proposto por Lefebvre (1986). A escolha desse método foi estratégica para a pesquisa em turismo, pois ele considera o objeto de estudo – o roteiro turístico do Vale dos Vinhedos – não como uma entidade estática, mas como um espaço em constante transformação e movimento, fundamental para entender a evolução e a resiliência de um destino. Este método se desdobra em três momentos interligados, permitindo uma análise abrangente das complexidades da realidade camponesa e turística da região:

1. **Momento Descritivo**: Nesta fase inicial de sondagem e "observação sobre o terreno" (LEFEBVRE, 1975), o objetivo foi descrever com acuidade a realidade local, partindo de um olhar referenciado pela teoria da produção social do espaço. As principais técnicas empregadas para a coleta de dados, visando aprofundar a compreensão do contexto turístico, foram:

- **Pesquisa Bibliográfica e Documental**: Realizada para explorar o estado da arte do tema no campo do turismo e áreas correlatas, fundamentar conceitos como espaço, espaço turístico, território, territorialidade, paisagem e enoturismo, e coletar informações sobre o histórico da região e suas legislações (planos diretores municipais, regulamentos da Denominação de Origem). Este levantamento foi crucial para contextualizar a evolução do Vale dos Vinhedos como destino. (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 29-30*).
- **Pesquisa de Observação Direta Intensiva**: Conduzida *in loco* para o levantamento e mapeamento de dados sobre a apropriação e transformação espacial do Vale dos Vinhedos, com foco na dinâmica turística. Incluiu o registro da localização e fluxos dos atrativos turísticos, a influência do avanço urbano das periferias das cidades lindeiras na paisagem que o turista experiencia, e a realização de registros fotográficos para subsidiar a análise das modificações

morfológicas da paisagem do ponto de vista do destino. (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 30-31*).

- **Entrevistas Semiestruturadas**: Realizadas com atores locais, diretamente ou indiretamente vinculados à atividade turística (ex: produtores rurais, empresários do setor hoteleiro e gastronômico, gestores públicos). O roteiro básico de questões permitiu que os entrevistados expressassem seus pensamentos e reflexões sobre os temas, contribuindo para a compreensão dos diversos perfis que compõem a cadeia turística e o olhar que esses *stakeholders* têm sobre o próprio roteiro e sua evolução. (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 31*).

2. **Momento Analítico-Regressivo**: Consistiu na análise sistemática da realidade descrita, com a datação precisa dos fatos. O objetivo foi traçar uma linha cronológica clara e precisa das transformações espaciais do Vale, desde a chegada dos imigrantes europeus em meados de 1870 até as dinâmicas contemporâneas do enoturismo. Essa abordagem permitiu comparar as constatações e entender o encadeamento histórico de eventos endógenos e exógenos (como a colonização, o desenvolvimento da vitivinicultura, as crises econômicas e a abertura de mercados) que culminaram na configuração atual do roteiro enoturístico, essencial para a análise de sua **autenticidade histórica** (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 27, 73-74*).
3. **Momento Histórico-Genético**: Neste estágio de aprofundamento, buscou-se elucidar a realidade presente do Vale dos Vinhedos, explicando-a a partir de sua lógica genética e das modificações estruturais causadas pelos desenvolvimentos. A análise das interações entre a Complexidade Horizontal (ascensão econômica de vitivinicultores e chegada de capital internacional) e a Complexidade Vertical (coexistência de pequenos produtores e grandes agroindústrias com diferentes níveis tecnológicos) foi central para compreender os papéis dos atores sociais envolvidos no processo de produção do espaço e as implicações para a **sustentabilidade social do destino turístico**. (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 27, 102-103*).

A **análise e interpretação dos dados** coletados foram realizadas sob uma ótica predominantemente qualitativa, buscando significados interligados ao contexto dos entrevistados e delimitados pela abordagem teórico-conceitual da pesquisa. Embora o foco tenha sido qualitativo, dados quantitativos de fontes secundárias foram utilizados para complementar o cenário e fornecer um recorte da realidade para o aprofundamento qualitativo. Os dados foram organizados por categorização, agrupando informações sobre Paisagem, Infraestruturas, Equipamentos e Visitação, para facilitar a compreensão das dinâmicas socioespaciais e suas **implicações para a experiência e gestão do destino turístico**. (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 32-33*).

Para a análise específica dos elementos definidores da paisagem e sua relação com a **percepção e experiência do visitante**, a pesquisa integrou uma simbiose de três metodologias, provenientes de campos distintos, mas complementares à pesquisa em turismo:

- **Kevin Lynch (1999)**: Utilizado para identificar e mapear os elementos morfológicos (vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos) que conferem legibilidade e contribuem para a **imagem ambiental do destino**, influenciando a orientação e a compreensão do turista sobre o espaço.
- **Maria Elaine Kohlsdorf (2005)**: Aplicado para analisar a "Dimensão Topoceptiva" dos lugares, compreendendo como o observador-visitante percebe e forma sua **imagem mental do espaço em deslocamento**, aspecto crucial para a qualidade da experiência turística e a construção da memória do destino.
- **Paulo Pires (2005)**: Empregado para aferir a **qualidade visual da paisagem**, por meio de indicadores como Diversidade, Naturalidade, Singularidade e Detratores, avaliando as qualidades estéticas e as fragilidades da paisagem turística do ponto de vista da sua atratividade e sustentabilidade.

A triangulação dessas abordagens interdisciplinares permitiu uma visão holística e robusta das complexidades da paisagem do Vale dos Vinhedos, fornecendo subsídios aprofundados para a identificação dos seus limites paisagísticos e para o **planejamento territorial e a gestão do turismo sustentável**, com foco na preservação da autenticidade do destino.

4 RESULTADOS

A aplicação do método Histórico-Genético, em conjunto com as metodologias integradas de Kevin Lynch, Maria Elaine Kohlsdorf e Paulo Pires, ao estudo do Vale dos Vinhedos revelou uma complexa interação de elementos que definem sua paisagem e, crucialmente, sua atratividade e sustentabilidade turística. A análise permitiu identificar padrões e disfunções na configuração espacial, oferecendo um diagnóstico aprofundado sobre os "limites paisagísticos" que impactam diretamente a **experiência do visitante** e a **gestão do destino**.

Os resultados confirmam, de forma contundente, a premissa de que a **paisagem é o principal fator de atratividade** do Vale dos Vinhedos para os visitantes, superando, inclusive, as vinícolas na percepção geral (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 44, Figura 4*). Essa constatação é vital para a **formulação da imagem e marca do destino**: a paisagem construída com apelo rural, destacando-se as parreiras, representa o elemento mais significativo para o imaginário do turista, confirmando que a

"condição rural do território... é o qualificador da experiência turística no roteiro" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 47-48*). Para o turista, a paisagem é a manifestação visível da autenticidade e da tradição do enoturismo local.

A análise morfológica, utilizando os elementos de **Kevin Lynch (1999)**, permitiu segmentar o roteiro em seis "bairros" (regiões paisagísticas) com características distintas (A a F), evidenciando a heterogeneidade da oferta visual do destino. Observou-se que trechos como o **Bairro F** (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 86*), caracterizado por baixa densidade de ocupação e predominância de produção familiar entre parreirais e mata nativa, são os que mais se aproximam da paisagem colonial original e, consequentemente, da **imagem bucólica e autêntica** desejada pelos visitantes. Essas áreas oferecem uma **experiência turística mais imersiva e tradicional**. Em contrapartida, áreas como o **Bairro D** (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 85*), devido à proximidade com o núcleo urbano de Bento Gonçalves, apresentam maior densidade construtiva e uma mescla de usos que tende a descaracterizar a paisagem rural vitivinícola. Essa transição visual afeta a **coerência da imagem do destino**, podendo gerar uma dissonância entre a expectativa do turista e a realidade experienciada. Os pontos nodais, como as grandes vinícolas (Miolo e Valduga), atuam como fortes atrativos e concentradores de fluxo, o que levanta questões sobre a **distribuição de visitantes** e a **gestão da capacidade de carga** no Vale (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 87-92*).

A perspectiva da **Dimensão Topoceptiva de Maria Elaine Kohlsdorf (2005)**, que investiga a percepção do espaço pelo observador-visitante em deslocamento, revelou que a experiência no Vale dos Vinhedos é marcada por uma sequência visual dinâmica e variada. As "estações visuais" (25 pontos identificados) e os "intervalos" entre elas demonstram uma diversidade arquitetônica e paisagística, onde a coexistência de edificações vernaculars (ex: Vinícola Barcarola, de 1913) e contemporâneas (ex: Vinícola Almaúnica, de 2008) cria cenários singulares (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 95-96, Figura 48*). Embora essa diversidade possa ser vista como um atrativo, a pesquisa sugere que uma quebra excessiva na coerência da identidade rural tradicional pode gerar um desequilíbrio na **leitura espacial** e na **formação da imagem mental do destino** pelo turista, afetando a fluidez e a satisfação da experiência. Para o turismo, isso ressalta a importância de um *design* paisagístico e arquitetônico que harmonize o novo com o tradicional, garantindo a integridade da proposta de valor.

A avaliação da qualidade paisagística, empreendida com base nos indicadores de **Paulo Pires (2005)**, apontou que a **Naturalidade** e a **Singularidade** da paisagem – atributos-chave para a experiência turística autêntica – estão sob pressão. Elementos "detratores" – decorrentes de ações humanas que desvirtuam o contexto natural e geram uma sensação de artificialidade – são cada vez mais presentes em áreas onde a pressão urbana e imobiliária é maior. A substituição do sistema de

cultivo tradicional (latada) pelo de espaldeira, imposta pelo regramento da Denominação de Origem (DO) para vinhos finos, é um exemplo claro de transformação que, embora vise aprimorar a produção vitivinícola, altera profundamente a paisagem visual, "mimetizando a região com uma identidade vitícola globalizada" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 64*). Essa busca por referenciais estéticos europeus (cf. *DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 76, Figura 22*), ao invés de fortalecer a **singularidade e autenticidade do produto turístico**, pode levá-lo à perda de sua originalidade e à criação de "cenários turísticos desprovidos... de relações com a identidade do lugar" (MOCELLIM, 2009, *DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 75-76*).

A **fragmentação regulatória**, com a coexistência de diferentes Planos Diretores Municipais que não compartilham uma visão unificada para a gestão da paisagem do Vale, potencializa essas tensões. Enquanto Bento Gonçalves possui legislações mais protetivas para a paisagem vitivinícola, os municípios de Garibaldi e Monte Belo do Sul apresentam diretrizes mais genéricas. Essa disparidade facilita a "fragmentação do território e da paisagem" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 104*), representando um desafio significativo para a **governança e o desenvolvimento turístico regional integrado**, impactando a capacidade do destino de oferecer uma experiência coesa e autêntica.

Por fim, a **valorização imobiliária** no Vale dos Vinhedos, com aumentos de preço de "200% a 500%" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 64*), gera um processo de **gentrificação rural**. Isso força a saída de pequenos produtores, minando a base social e cultural que construiu a paisagem original. Para o turismo, isso representa a perda de um componente vital da **experiência autêntica e culturalmente imersiva**: a interação com a comunidade local e a observação de práticas agrícolas tradicionais. A substituição desses elementos humanos e culturais por grandes empreendimentos ou propriedades de lazer de alto padrão tende a "desfazer a característica de espaço vivido" (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 64*), transformando o destino em uma oferta mais genérica e menos distintiva, comprometendo a **qualidade da experiência turística** e a **sustentabilidade socioeconômica** do enoturismo a longo prazo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Vale dos Vinhedos se estabeleceu como um dos principais roteiros enoturísticos do Brasil, e esta pesquisa, fundamentada na dissertação de Uez (2014), buscou aprofundar a compreensão dos limites paisagísticos que são fundamentais para a sua atratividade e sustentabilidade. A problemática central, a conciliação entre o crescimento da demanda turística e a preservação da identidade paisagística, mostrou-se não apenas atual, mas cada vez mais crucial diante das dinâmicas territoriais observadas.

A aplicação do **método Histórico-Genético (Lefebvre, 1986)** foi instrumental para desvendar as complexas camadas da realidade local. Evidenciou-se a coexistência de lógicas opostas – a **Complexidade Horizontal**, marcada pela ascensão de grandes grupos econômicos e capital internacional, e a **Complexidade Vertical**, onde pequenos agricultores ainda resistem com técnicas tradicionais. Essa dualidade, que reflete as tensões entre o desenvolvimento econômico e a manutenção das raízes culturais, é um pano de fundo constante para as transformações paisagísticas na região (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 102-103*).

Os resultados confirmaram inequivocamente que a **paisagem é o principal atrativo do Vale dos Vinhedos**, superando até mesmo o produto vinho na percepção dos visitantes. Essa paisagem, intrinsecamente ligada ao ambiente rural vitivinícola e à cultura da imigração italiana, é o "qualificador da experiência turística". Contudo, a pesquisa revelou uma série de pressões que ameaçam essa identidade fundamental:

- **Fragmentação Regulatória**: A ausência de uma gestão territorial unificada entre Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul, cada um com seus Planos Diretores, cria lacunas e divergências que permitem usos e ocupações incompatíveis, fragmentando o território e descaracterizando a paisagem em trechos cruciais do roteiro (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 104*).
- **Alterações no Modelo Produtivo**: A exigência do sistema de cultivo em espaldeira pela Denominação de Origem, embora ligada à busca por vinhos finos de qualidade, promove uma mimetização com paisagens vitícolas europeias, afastando-se do tradicional sistema em latada. Essa mudança, associada à valorização imobiliária, contribui para a perda de elementos visuais autênticos e a substituição do "espaço vivido" pela monocultura de grandes vinhedos ou por áreas de lazer de alto padrão (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 64*).
- **Gentrificação Rural**: O aumento expressivo no preço das terras tem levado ao êxodo de pequenos produtores, minando a base social e cultural que construiu a paisagem original. Esse processo desfaz a característica de lugar e tende a transformar o roteiro em uma "cenografia globalizada", desprovida das relações com a identidade local (*DISSERTAO_PABLO_V07.pdf, p. 75-76*).

IMPLICAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES

Este estudo oferece contribuições significativas tanto teóricas quanto práticas. Teoricamente, aprofunda a discussão sobre a **interrelação entre paisagem, identidade e sustentabilidade no**

turismo, evidenciando como a paisagem pode atuar como um *limite* fundamental para o desenvolvimento turístico descontrolado. A integração metodológica proposta serve como um modelo replicável para a análise de outros destinos turísticos que enfrentam desafios semelhantes de preservação da autenticidade em face do crescimento. Praticamente, os resultados fornecem subsídios cruciais para a formulação de políticas públicas e estratégias de gestão territorial. É imperativo que os órgãos de planejamento e as associações locais desenvolvam diretrizes que valorizem e protejam os elementos identitários da paisagem rural vitivinícola, promovendo um desenvolvimento que não sacrifique a autenticidade por uma busca desmedida por padrões globalizados.

Em face dessas constatações, a principal recomendação é a elaboração e implementação de um **Plano de Gestão da Paisagem Integrado** que transcenda as divisões municipais. Tal plano deve: (a) estabelecer critérios claros e uniformes de uso e ocupação do solo em toda a área do Vale dos Vinhedos; (b) incentivar a manutenção das práticas agrícolas tradicionais e a permanência de pequenos produtores rurais; e (c) definir diretrizes arquitetônicas e de urbanização que respeitem a linguagem vernacular e a identidade histórica do local, desestimulando a mimetização de cenários externos.

PERSPECTIVAS PARA FUTURAS PESQUISAS

A pesquisa descortinou novas questões que merecem aprofundamento. Sugere-se que estudos futuros explorem: (1) O impacto socioeconômico da gentrificação no cotidiano dos moradores tradicionais e suas estratégias de resistência; (2) A efetividade das políticas públicas de proteção da paisagem em outras regiões vitivinícolas do Brasil e do mundo, buscando *benchmarks* para o Vale dos Vinhedos; (3) A percepção da paisagem pelos diferentes atores locais (produtores, comerciantes, prestadores de serviço) em comparação com a visão dos visitantes; e (4) A viabilidade de modelos de desenvolvimento turístico que integrem a modernização da produção vitivinícola com a preservação da autenticidade paisagística, buscando soluções inovadoras para conciliar tradição e progresso. O turismo e o enoturismo, embora sejam vetores de desenvolvimento, devem ser, antes de tudo, ferramentas de inclusão e valorização do patrimônio local, garantindo que as benesses geradas sejam equitativamente distribuídas e que a paisagem, seu maior tesouro, seja preservada para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Manual de História Oral. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALVAREZ, J. R. D. Geografía del Turismo. 6. ed. Espanha: Sistesis, 1999.

APROVALE. Regulamento de uso do nome geográfico da Denominação de Origem Vale dos Vinhedos. Bento Gonçalves, 2012.

ARAÚJO, F. G. B.; HAESBAERTH, R. (Orgs.). Identidades e Territórios: Questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007.

ARENDT, H. Da violência. Tradução Maria Claudia Drummond Trindade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

AUGÉ, M. Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BARRETTO, M. Manual de iniciação ao estudo do turismo. 9. ed. Campinas: Papirus, 1997.

BARRETTO, M. Relações entre Visitantes e Visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. Revista Turismo em Análise, v. 15, n. 2, p. 133-149, 2004.

BENI, M. C. Política e Planejamento Estratégico em Clusters de Turismo. Palestra proferida no Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul (UCS), 24 e 25 de novembro de 2010.

BENTO GONÇALVES. Lei Complementar Nº 103, de 26 de outubro de 2006. Dispõe sobre o desenvolvimento urbano e rural do Município de Bento Gonçalves, institui o novo Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de Bento Gonçalves e dá outras providências. Bento Gonçalves, 2006.

BERTONCELLO, R. Las prácticas turísticas e sus implicâncias sócio espaciales. In: CORIOLIANO, L. N. Turismo com ética. Fortaleza: UECE, 1998.

BONI, L. A. D.; COSTA, R. Os italianos no Rio Grande do Sul. In: Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925. 2. ed. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000.

BOULLÓN, R. C. Planificacion del Espacio Turístico. 3. ed. México: Trillas, 1997.

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco zero, 1983.

BRANDÃO, C. Território e Desenvolvimento: As múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Consumo sustentável. Brasília, 2011.

BRASIL. Presidência da República. Lei Nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, 2001.

CASTROGIOVANNI, A. C. A Geografia do Espaço Turístico, como Construção Complexa da Comunicação. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CERRO, F. L. Técnicas de evaluación del potencial turístico. Madrid: MICYT, 1993.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CIFUENTES, M. Determinación de capacidad de carga turística em áreas protegidas. Turrialba, Costa Rica, 1992.

CORIOLANO, L. N. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: LEMOS, A. I. G.; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. (Eds.). América Latina: cidade, campo e turismo. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006.

COSTA, E. B. (Ed.). História Ilustrada do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Já Porto Alegre Editores, 1998.

CRUZ, R. C. Política de Turismo e Território. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CÉSAR, P. A. B. Turismo e desenvolvimento sustentável: análise dos modelos de planejamento turístico. Caxias do Sul: EDUCS, 2011.

CÉSAR, P. A. B. Urbanização turística: esboço para a definição de uma categoría do espaço social. Turismo em Análise, v. 21, n. 2, 2010.

CÉSAR, P. A. B.; VIANNA, R. M. M.; UEZ, P. C. PAISAGEM CULTURAL E ENOTURISMO: Aportes para o roteiro Vale dos Vinhedos (RS). In: Anais do X ANPTUR, Caxias do Sul, 2013.

DE MASI, D. A sociedade pós industrial. 3. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 1999.

DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DENCKER, A. F. M.; VIÁ, S. C. Pesquisa Empírica em Ciências Humanas (com ênfase em comunicação). 2. ed. São Paulo: Futura, 2002.

FALCADE, I.; MANDELLI, F. (Orgs). Vale dos Vinhedos: caracterização geográfica da região. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

FENNEL, D. Ecoturismo: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2002.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

FREITAS, C. M. A Reconquista do Centro: Uma reflexão sobre a gentrificação de áreas urbanas. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GARDELIN, M.; COSTA, R. Povoadores da Colônia Caxias. 2. ed. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

GARIBALDI. Lei Complementar Nº 03, de 18 de novembro de 2008. Institui o Plano Diretor Municipal de Garibaldi e dá outras providências. Garibaldi, 2008.

GIESBRECHT, H. O., *et al.* Indicações Geográficas Brasileiras: Brazilian Geographical Indications: Indicaciones Geográficas Brasileñas. Brasília: SEBRAE, INPI, 2011.

GLASS, R. London: aspects of change. London: MacGibbon & Kee, 1964.

GUNN, C. A.; VAR, T. Tourism Planning: Basics, Concepts, Cases. 4. ed. New York, NY: Routledge, 2002.

HAGUETTE, T. M. F. Metodologias Qualitativas na Sociologia. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALL, C. M., *et al.* (Org.). Wine Tourism Around the Word: Development, management and markets. Oxford: Elsevier, 2004.

HERÉDIA, V. B. M. Processo de Industrialização da Zona Colonial Italiana. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Textos Escolhidos. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

JAMENSON, F. Pós Modernidade e Sociedade de Consumo. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 12, p. 16-26, jun. 1985.

KOHLSDORF, M. E.; KOHLSDORF, G. Dimensões Morfológicas dos Lugares: Dimensão Topoceptiva. Brasília, 2005.

KREMER, J. Caminhando rumo ao consumo sustentável: uma investigação sobre a teoria declarada e as práticas de empresas no Brasil e no Reino Unido. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

KRIPPENDORF, J. Les Devoreurs de Paysages: Le tourisme doit Il detruire les sites qui Le font vivre?. 1. ed. Lausanne: Editions 24 Heures, 1977.

KÖCHE, J. C. Fundamentos de metodologia científica. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAVANDOSKI, J. A Paisagem na rota enoturística Vale dos Vinhedos (RS), na perspectiva do Visitante. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

LEFEBVRE, H. De lo rural a lo urbano. Barcelona: Ediciones Península, 1975.

LEFEBVRE, H. Perspectivas da Sociologia Rural. In: MARTINS, J. S. (Org.). Introdução Crítica à Sociologia Rural. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

LEMOS, L. Turismo, que negócio é esse?. Campinas: Papirus, 2003.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Revista Katálysis, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

LYNCH, K. A imagem da cidade. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Metodologia do Trabalho Científico. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

MARTIN, F. O. G. Las rutas del vino en el mundo: America del Sur. Madri: Ciro, 2006a.

MARTIN, F. O. G. Las rutas del vino en el mundo: Francia. Madri: Ciro, 2006b.

MOCELLIM, A. D. Lugares, Não Lugares e Lugares Virtuais. Em Tese. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 6, n. 3, jan.-jul. 2009.

MONTE BELO DO SUL. Lei Municipal nº 745/2006, de 05 de outubro de 2006. Dispõe sobre o plano diretor do município de monte belo do sul, ordena o território e as políticas setoriais, e dá outras providências. Monte Belo do Sul, 2006.

MONTE BELO DO SUL. Lei Municipal nº 956/2009, de 14 de dezembro de 2009. Define o quadro de usos e os índices urbanísticos do município e dá outras providências. Monte Belo do Sul, 2009.

NICOLAS, H. Elementos para un análisis sociogeográfico del turismo. In: RODRIGUES, A. A. B. Turismo e geografia. São Paulo: Hucitec, 1996.

NOVA, L. H. S. Da Cultura como Mercadoria, ao Consumo como Prática Cultural. Revista do Centro de Humanidades e Letras. Bahia: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, v. 1, n. 1, p. 57-65, 2007.

OLIVEIRA, I. M. A. O ideal do Branqueamento na Sociedade Brasileira. Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2008.

PIRES, P. S. A análise de indicadores da qualidade visual como etapa da caracterização de paisagens turísticas: uma aplicação no distrito-sede de porto Belo-SC. Revista Turismo-Visão e Ação, Itajaí: UNIVALI, v. 7, n. 3, p. 417-426, 2005.

RODRIGUES, A. A. B. Turismo e espaço: Rumo a um conhecimento transdisciplinar. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. A entrevista na pesquisa qualitativa - mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RUSCHMANN, D. M. Turismo e Planejamento Sustentável. 3. ed. Campinas: Papirus, 1997.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, M. Economia Espacial: Criticas e Alternativas. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, M. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1997.

SANTOS, M. O espaço e seus elementos: questões de método. Revista Geografia e Ensino, n. 1, 1982.

SANTOS, M. Pensando o espaço do homem. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, M.; BECKER, B. K. *et al.* Território, territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, S. R. A construção do cooperativismo em Caxias do Sul: Cooperativa Vinicola Aliança (1931-2011). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,

Porto Alegre, 2011.

SAQUET, M. A. Abordagens e Concepções de Território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SEYFERTH, G. Colonização, Imigração e a questão racial no Brasil. Revista USP, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./maio 2002.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E., *et al.* Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

TAVARES, L. H. O. O capitalismo no comércio proibido de escravos. Acervo, Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 91-108, jan.-jun. 1988.

TRIGUEIRO, K. Análise econômica da capacidade de carga turística na gestão do turismo em cidades históricas. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

UEZ, P. C. Limites Paisagísticos do Atrativo Turístico Vale dos Vinhedos. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014.

URRY, J.; CRAWSHAW, C. Turismo e Consumo Visual. Revista Crítica de Ciências Sociais, Lisboa, n. 43, p. 47-68, out. 1995.

VALDUGA, V. O Processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

WANG, N. Rethinking authenticity in tourism experience. Annals of Tourism Research, v. 26, n. 2, p. 349-370, 1999.

WEIMER, G., *et al.* (Org.). A Arquitetura no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

YÁZIGI, E. Saudades do futuro: por uma teoria do planejamento territorial do turismo. São Paulo: Plêiade, 2009.